

LE PAGE, R. B. & TABOURET-KELLER, A.: *Acts of Identity: Creole-based approaches to language and ethnicity*. Cambridge: University Press, 1985.

SOBRE UMA TEORIA GERAL DA EVOLUÇÃO DE LÍNGUAS: OS ATOS DE
IDENTIDADE DE R.B. LE PAGE EM DIFERENTES COMUNIDADES
LINGUÍSTICAS

A GENERAL THEORY OF LANGUAGES EVOLUTION – THE ACTS OF
IDENTITY OF R.B. LE PAGE IN DIFFERENT LINGUISTIC COMMUNITIES



Angelica Almeida de ARAÚJO¹
Mestranda em Estudos da Tradução (POSTRAD – CAPES-DS)
Universidade de Brasília
Brasília, Distrito Federal, Brasil
angelicaaraujo@gmail.com

101

Introdução

O livro *Acts of Identity: Creole-based approaches to language and ethnicity* (1985) de Le Page e Tabouret-Keller é o resultado de 30 anos de pesquisa sobre o comportamento linguístico de pessoas e suas crenças no tocante à língua e à identidade. O quinto capítulo do livro (*Towards a general theory of the evolution of languages*), tem o foco na teoria da evolução de línguas. Nele, os autores consideram como o comportamento idiossincrático de um certo indivíduo reflete uma postura com relação a grupos, causas e tradições. A pesquisa de Le Page e Tabouret-Keller foi conduzida em diferentes comunidades linguísticas a fim de responder a dois principais questionamentos: i) de que forma os indivíduos estudados na pesquisa podem ser considerados membros de comunidades linguísticas? E, ii) como seu comportamento linguístico pode ser descrito como uma propriedade de suas comunidades?

A partir dos questionamentos supracitados, buscaremos refletir sobre o trabalho destes pesquisadores com base nos exemplos de sua pesquisa, destacando a influência da formação multilíngue de indivíduos de comunidades distintas e como isso implica na forma como estes indivíduos se comunicam e se identificam. As pesquisas de Le Page e Tabouret-Keller

ARAÚJO. *Sobre uma teoria geral da evolução de línguas: os atos de identidade de R.B. Le Page em diferentes comunidades linguísticas*.
Belas Infêis, v. 5, n. 2, p. 101-110, 2016.

apresentadas neste capítulo foram iniciadas em 1951 na parte britânica do Caribe, e passaram por Belize e Santa Lúcia. Os dados da pesquisa mostram a influência do Crioulo na comunicação dos indivíduos, conforme veremos a seguir.

Indivíduos e comunidades como complexos linguisticamente polissistêmicos

No início do capítulo, os pesquisadores narram a experiência com crianças do Belize, onde pedem para crianças contem a história infantil dos “Três Porquinhos”. Os dados coletados mostram que o discurso é influenciado por marcas fonéticas do crioulo, inglês standard, e pelo processo de hispanização. A característica mais marcante no discurso das crianças é a utilização da partícula *-mi* do crioulo, que indica o passado simples, conforme podemos ver na figura 1.

Figura 1 – Início da história dos três porquinhos contadas por crianças

Grammar of openings. Next let us look at the grammar of their openings:

SH: wʌns apənə taim ðeə wɒz θri lidl piɡz dem mi liv wið ðe maða...

DG: wʌns ɔpənə taim dɛz wɒz ʧri lil piɡz de justo liv wit dɛz madɜr...

SM: di ma mi ha ʧri a di li piɡ dɛ...

FN: wʌns ɣpən taim dɛz wɜr ʧri litl piɡs ðat de wɜr biɡ an... de haf dɛz mɔda...

102

Fonte: LE PAGE, R. B. & TABOURET-KELLER, A.: *Acts of Identity: Creole-based approaches to language and ethnicity*. Cambridge: University Press, 1985.

Embora estas crianças sejam belizenhas nativas e morem à curta distância umas das outras, todas têm sotaques diferentes e essas variações não podem ser organizadas em um *continuum* linear. SM possui uma abertura de fala extremamente marcada pelo crioulo, utilizando o marcador de passado *-mi*, e o marcador de plural *-dê*. SH se aproxima mais do standard em alguns pontos, mas também usa o crioulo belizenho e construções do crioulo anglófono do Caribe.

Outro fator interessante analisado na pesquisa conduzida em Santa Lúcia é a variação de forma para significados “habituais”. Os significados habituais são, segundo Le Page, “uma abstração conveniente para um número de relacionamentos entre predicados e seus sujeitos

que são indefinidos em tempo e aspecto, exceto no que sugerem que algo que aconteceu no passado continua e possivelmente continuará a acontecer”ⁱⁱ (LE PAGE & TABOURET-KELLER, 1985, p. 163. TRADUÇÃO NOSSA). A pesquisa revela alguns pontos convergentes de variedades linguísticas em diversas ilhas vizinhas (Barbados, São Vicente, Granada, Trinidad e Tobago, entre outros), como podemos ver na figura abaixo.

Figura 2 – Similaridades de variações na Jamaica, São Vicente e Granada

Legenda: J Jamaica, St. V – São Vicente, G – Granada.

Standart:	He always writes like this
J:	him rait so aal di taim
St. V:	a so i doz aalwez rait
G:	i aalwez raitin so
Standart:	I live at the crossroads
J:	mi lib rait a di krass ruod
St. V:	mi liv we tu rood kraas
G:	a livin in di jongkshan a di tuu rodz
Standart:	What kind of company does he keep?
J:	a we kain of company him kip?
St. V:	wot kaind ov komponi shi doz kip?
G:	wot kaina komponi { hi doz kip? hi kiping?

103

Fonte: LE PAGE, R. B. & TABOURET-KELLER, A.: *Acts of Identity: Creole-based approaches to language and ethnicity*. Cambridge: University Press, 1985.

Le Page (1985, p. 164) nota que esses significados habituais são sobrepostos a outras construções continuativas ou progressivas, e que esta parte do campo semântico muda o foco de cultura para cultura e de acordo com a variedade de itens formais em cada código. No caso de textos do Bajan de Trinidad, observou-se o uso do auxiliar *does* na construção de frases de primeira pessoa do singular como forma de ênfase: *I does sell sweeties there at school*, que é utilizada no leste da Inglaterra e na Irlanda (*I do feel, I do like*).

O mesmo ocorre com o uso do o verbo *live* para expressar moradia em Granada, São Vicente e Santa Lúcia. Três formas distintas são usadas: 1) uma forma mais rara, utilizando o *-ing* para marcar a condição atual (*I'm living at 53 Mount Coco Road*); 2) a inflexão de *-s* de 3ª pessoa do singular para as outras formas (*I lives, you lives, they lives*), comum em dialetos mais distantes do padrão britânico; 3) hipercorreções ou generalização das normas (*I live, He live, She live*). As hipóteses levantadas para estas ocorrências são que o uso do *-ing* é associado com o inglês vernáculo regional com raízes no antigo território falante de patois, o

ARAÚJO. *Sobre uma teoria geral da evolução de línguas: os atos de identidade de R.B. Le Page em diferentes comunidades linguísticas*.

Belas Infêis, v. 5, n. 2, p. 101-110, 2016.

uso do *does* é provavelmente influenciado pelo inglês vernáculo de Barbados, e a hipercorreção provavelmente ocorre pela vontade de serem identificados como falantes do inglês padrão (*standard*).

A seguir, Le Page inicia o estudo de casos específicos de moradores de Belize. A coleta de dados ocorreu em dois momentos, primeiramente em 1970, com indivíduos na faixa etária entre 12 e 24 anos de idade. Oito anos depois, o pesquisador retorna à Belize para averiguar as possíveis variações linguísticas nos entrevistados, analisando a eventual causa da mudança. Nos deparamos aqui especialmente com a questão de identidades do sujeito influenciando as variações linguísticas. Um fator importante na variação linguística do país foi a questão da luta por independência das Honduras Britânicas (antigo nome de Belize), que se iniciou em 1968, culminando com a mudança de nome do país em 1973, período entre as duas coletas de dados, o que explica a mudança na forma como os belizenhos se enxergavam e se identificavam enquanto povo.

Na primeira coleta, GM foi entrevistada aos 16 anos de idade. Ela falava inglês, espanhol e crioulo. Sua mãe, espanhola, sempre falava em sua língua primeira com a filha, embora esta fosse a língua que menos a interessasse. Aos 16 anos, já casada com um britânico e importante membro da comunidade, GM se vê na posição de falar o inglês “adequado” (isto é, *standard*) com seu marido. Seu marido também fala o espanhol mais próximo do *standard*. Já na segunda coleta de dados (em 1978), GM se mudou de Cayo para Belize City, estava separada do primeiro marido, e casada com um segundo homem que falava crioulo. Como resultado dessa interferência, ela não se comunica mais em espanhol, e seu inglês tem bastante influência crioula.

TA cresceu em Orange Walk, comunidade acessível somente atravessando um rio. TA teve menos educação que GM, mas parece ser mais fluente em espanhol e crioulo que ela. O seu inglês por outro lado é mais fragmentado com características do crioulo.

DGL, professora desde os quinze anos de idade, demonstra um inglês bem aproximado do *standard*, fala também crioulo e um pouco de espanhol. Filha de mãe espanhola e pai caribenho, ao ser perguntada por sua identidade, ela responde que é “mestiça”. Ela destaca as identidades “crioulo” e “caribenho” como características de Belize. O pesquisador a pergunta se alguém se identifica como “belizenho”, ela ri, e confirma que o é. Nota-se aqui como noção de identidade belizenha desses indivíduos é confusa.

Um caso também interessante é o de LG. Ela leciona em uma faculdade da região de

São Inácio, e é muito apegada ao espanhol. Ela demonstra incomodo por seu irmão só falar crioulo, até quando ela se dirige a ele em espanhol. LG procura sempre falar o espanhol “adequado”. Ela afirma que aprendeu o crioulo quando criança, pois todas as crianças na rua brincavam e se comunicavam assim, mas por ter morado 17 anos nos Estados Unidos, afirma ter esquecido a língua. LG também lamenta o fato de seu filho de 4 anos de idade ter falado primeiro crioulo e que só a poucos meses antes da entrevista a criança começou a falar espanhol o suficiente para se comunicar. Vemos nesse caso uma necessidade da informante de se aproximar mais da língua “padrão” ou de “prestígio”. O indivíduo também demonstra vergonha e falta de interesse com relação à língua menos prestigiosa.

Tabela 1 – Línguas usadas na visão de pais e filhos belizenhos

Table 21. *language used as stated by parents for the Family (overall question) and as stated by their children (questioned as to their usage with parents, grand-parents, older and younger sibilings) in the 1970 survey*

	Spanish Only %	Creole Only %	Spanish mentioned %	Creole mentioned %
Parents	37	20	62	38
Children	12	35	31	76

Note: N = 96, all the children in our sample attending San Ignacio’s primary schools.

Fonte: LE PAGE, R. B. & TABOURET-KELLER, A.: *Acts of Identity: Creole-based approaches to language and ethnicity*. Cambridge: University Press, 1985.

Partindo desses casos particulares, Le Page conduziu entrevistas junto aos pais das crianças citadas, e de acordo com os dados levantados criou a tabela (acima) que mostra como esses indivíduos se enxergam enquanto falantes multilíngues. Nota-se que os pais, em sua grande maioria, dizem que nas suas casas se fala somente espanhol, enquanto a maioria das crianças mencionam o crioulo, ou afirmam que falam unicamente o crioulo em casa. Os autores mostram que esses dados confirmam que a percepção de uso de língua é diferente para cada um, e que as crianças são menos inibidas para mencionar que falam crioulo. Esse dado talvez revele, mais uma vez, um caso de preconceito com relação à variação linguística menos prestigiosa/favorecida.

Nesse momento voltamos ao questionamento inicial: de que forma os indivíduos estudados na pesquisa podem ser considerados membros de comunidades linguísticas? Os autores respondem o questionamento dizendo que as “forças culturais gravitacionais operam em muitas direções”ⁱⁱⁱ (LE PAGE & TABOURET-KELLER, 1985, p. 175, TRADUÇÃO

ARAUJO. *Sobre uma teoria geral da evolução de línguas: os atos de identidade de R.B. Le Page em diferentes comunidades linguísticas*.

Belas Infêis, v. 5, n. 2, p. 101-110, 2016.

NOSSA), isto é, sua cultura multifacetada pende para aspectos distintos e estes indivíduos compartilham alianças e identidades diferentes em cada esfera de suas vidas. Em casa predomina uma determinada língua, e assim, uma série de limitações culturais; já no trabalho/escola, os mesmos indivíduos compartilham uma língua e uma cultura diferenciadas. A hipótese levantada é que esta situação deve confundir as identidades culturais desses sujeitos, e assim influenciar na maneira que eles se veem enquanto comunidade linguística.

Comparação entre Malásia e Singapura

Os autores também comparam neste capítulo a situação da Malásia e de Singapura com a questão de identidades linguísticas de Belize. A Malásia se tornou independente em 1957 e Singapura em 1963. Cada um desses países estava tentando unificar seu povo pelo uso de uma política de cultura e educação comum. O veículo e “língua nacional” da Malásia é o malaio. Singapura tem o malaio como língua nacional, mas como o país não tem muitas riquezas, eles adotaram o inglês como língua de educação. O governo malaio forçava os habitantes a falar a língua oficial, o que causou aos chineses imigrantes uma crise de identidades, uma vez que os estes valorizam muito sua língua e cultura. Le Page reforça que formas vernáculas locais surgem a partir da interação diária urbana e de processos similares a estes. Forçar o uso de uma forma padrão como fez o governo malaio não impede as alterações diárias na língua, já que novas línguas surgem como resposta a novas necessidades.

Quando trazem à tona a metodologia adotada para a execução da pesquisa, Le Page e Tabouret-Keller relatam que utilizam um modelo multidimensional em oposição ao modelo do *continuum* linear para conseguir acomodar os “Atos de identidade”. O modelo multidimensional permite que diversas características distintas dos dados sejam levadas em consideração na análise. Parte do material coletado na pesquisa conta com a entrevista de 280 crianças em Belize e de 100 crianças em Santa Lúcia. Assim, devido à extensão do corpus, os autores justificam que uma das fraquezas do projeto, foi a a necessidade de fazer uma seleção de algumas características linguísticas ao invés de fazer uma descrição linguística detalhada e qualitativa. Os pesquisadores resolveram trabalhar com características fonológicas, quantificando estas características dando a elas o mesmo peso, de forma que cada característica fosse vista na hierarquia de graus de associação com os diversos fatores culturais e socioeconômicos.

O estudo realizado revela que alguns aspectos linguísticos dos grupos de pessoas analisadas são considerados estigmatizados ou prestigiados. À medida que certas

características linguísticas são consideradas mais prestigiosas em na comunidade, nota-se a tentativa dos indivíduos em reproduzir estas características. No entanto, quando denotam um peso de estigmatização linguística ou cultural, os indivíduos procuram omitir as características linguísticas estigmatizadas. Como os indivíduos da pesquisa sabiam que estavam sendo gravados, os pesquisadores concluem que os diálogos coletados não constituem um dialeto completamente “real”. Isso ocorre porque os participantes no momento que dão as entrevistas têm consciência a respeito do tópico da conversa, da audiência envolvida, e do cenário em que se encontram, o que pode afetar a coleta de dados da pesquisa.

Como os indivíduos são conscientes dos aspectos de prestígio ou de estigma da comunidade, eles tendem a criar padrões de comportamento linguístico que se assemelham àqueles dos grupos a que eles desejariam pertencer, ou que os diferenciam dos grupos que consideram como menos prestigioso. As projeções que estes indivíduos fazem para pertencer a determinado grupo podem ser mudados ou reforçados, de acordo com os *feedbacks* que eles recebem.

Os atos de fala desses indivíduos são vistos como atos de projeção em que o indivíduo, ao verbalizar, projeta no outro o seu universo interior; na tentativa implícita de que outros compartilhem de seus modelos de mundo. O *feedback* recebido pelo indivíduo vai reforçar ou alterar essas projeções de modo que, se reforçado, seu comportamento em determinado contexto se tornará mais *focado*, mais regular. Já se o indivíduo tentar modificar seu comportamento para encaixar-se no padrão do outro, a princípio, seu padrão estará mais *difuso*, mais variável. À medida que ele se aproxima do padrão que deseja atingir para encaixar-se em determinado grupo, seu padrão volta a ficar focado em relação a aquele grupo. A habilidade do indivíduo de entrar em *foco* com o grupo com que deseja se identificar é baseada em quatro restrições sobre os atos de identidade, que forçará o indivíduo a sair de sua zona de conforto para que possa superá-las.

A primeira restrição é a identificação com os grupos. Segundo os autores, as identidades do sujeito mudam de acordo com quem ele interage. No caso de Belize, a identidade “belizenha” era recente e vaga, a princípio, restringida somente aos que nasceram ou moravam em Belize. No início da pesquisa o país era chamado Honduras Britânicas, Logo, as identidades mais antigas e mais claras eram “espanhol”, “guatemalo”, “*bay-born*”, “crioulo”, “caribenho”, “maia”, “*kekchi*”, “*waika*”, “inglês” ou “americano”. Estas identidades se misturaram e foram trocadas por “mestiço” ou “belizenho”. As identidades

linguísticas também ficaram mais claras, e com essas identidades mais focadas, o crioulo foi reconhecido como a língua belizenha.

A segunda restrição diz respeito à condição de acesso ao grupo desejado e à capacidade de analisá-lo. Por exemplo: antes da estrada ser construída, não havia muito acesso entre cidades e a vila de Belize. Poucas pessoas no distrito de Cayo tinham pouco ou nenhum acesso a falantes do inglês *standard*. Durante a primeira visita dos pesquisadores, a maioria dos moradores da vila de Succotz falavam línguas maias e se identificavam como Maias. Já na segunda visita (oito anos depois, e após a construção da estrada que dá acesso à vila), a comunidade falava espanhol, e se identificava como espanhola. Já em Santa Lúcia as diferenças mais consistentes foram descritas pela diferenciação de identidades urbanas e rurais.

A terceira restrição diz respeito a motivação positiva ou negativa de se identificar com determinado grupo. Esta talvez esta seja a maior restrição governando o comportamento linguístico, segundo os pesquisadores. Em comunidades multilíngues como Belize ou Santa Lúcia, a motivação para a adoção de certas regras é bem mais clara e aparente: escolhe-se um sistema de regras do grupo que é considerado socialmente desejável. Dessa forma, a motivação que impulsiona essa escolha é geralmente heterogênea. Dependendo de uma situação ou de uma oportunidade econômica, o indivíduo pode aceitar o bilinguismo, ou até mesmo passar a perceber sua identidade e língua atuais como “erradas” e rejeitá-las por conta dessa motivação financeira. Os linguistas estão familiarizados com o fenômeno de ouvintes que se recusam a aceitar que entendem/escutam o discurso em uma língua que eles rejeitam.

A quarta restrição se relaciona à habilidade de mudança de comportamento, de acomodação. Essa restrição se relaciona bastante com a idade do sujeito. Estudos linguísticos (WEINREICH, *apud* LE PAGE & TABOURET-KELLER, 1885, p. 186) mostram que a percepção de novos dados linguísticos se dá em termos dos dados que são do controle do indivíduo. Se o contraste de sons não for percebido na outra língua, porém a associação cultural seja muito importante para um sujeito/comunidade, um novo modelo poderá ser construído para acomodar as características de uma língua em outra. Um exemplo disso é que no crioulo caribenho os fonemas [ð] e [θ] das palavras com “*th*” do inglês *standard* são mudados para os fonemas [t] e [d].

Partindo destas restrições, um indivíduo poderia se adaptar a qualquer grupo desejado. A interferência que permitirá a focalização em determinado grupo pode ser motivada por

fatores diversos como, por exemplo: a interação diária de uma comunidade com outra (ou de um indivíduo com uma comunidade distinta da sua); uma ameaça externa que venha a unir linguisticamente duas (ou mais) comunidades; uma personalidade importante (líder, poeta, grupo de prestígio) que influencie a mudança de foco; ou uma mudança no sistema educacional que vai focalizar em um padrão linguístico específico.

As pessoas tendem a acreditar que um modo particular de fala é intrinsecamente “bom” ou “ruim”, “correto” ou “incorreto”, e, imutável. Além disso, a literatura e a televisão são meios de divulgação de normas. Estes focam geralmente em modelos-padrão de determinada região (geralmente a mais rica), e subsequentemente, institucionalizam o uso de normas de prestígio como língua padrão, que formam a base dos sistemas educacionais e se tornam o quadro prescritivo da sociedade.

As línguas citadas nesta pesquisa, como o crioulo, derivam de um pidgin de contato, uma língua franca. Para que possamos entender melhor o ponto de vista dos autores, Le Page (1985) traz a definição do conceito de língua. As línguas são abstrações de algo que as pessoas fazem. Os termos de sequência linear se referem às línguas, não a pessoas. Assim, há quatro diferenciações no que diz respeito à língua e suas facetas:

109

- 1. Língua materna ou nativa:** A noção de língua materna ou nativa é culturalmente condicionada. Uma das entrevistadas descreveu sua língua como crioulo jamaicano. Após um período de tempo, ela assume que essa concepção era uma idealização criada enquanto criança. Em cenários multilíngues, o conceito de “língua materna” pode não ter nenhum significado, já que a criança é exposta a muitos sistemas linguísticos desde seu nascimento. Na Malásia, como vimos anteriormente, o governo acusa os malaios de não conhecerem sua própria “língua nativa”.
- 2. Comportamento das pessoas:** A língua como comportamento é a única forma de língua a que realmente temos acesso. Isto é, os dados do comportamento linguístico, da performance. Esta é a língua a que nos referimos quando dizemos coisas como “A língua dele ficou mais familiar com o passar do tempo”, “Ela usou uma língua como se estivesse falando com uma criança”, e também “Como se diz ‘saudade’ na sua língua?”.
- 3. Descrição dos linguistas:** O terceiro sentido de língua diz respeito à descrição que os linguistas fazem quando usam os dados coletados das pessoas usando o segundo

sentido da língua (citado acima). Eles condicionam essa tarefa de acordo com o que constitui a definição de língua e suas teorias sobre línguas, seus próprios aparatos pessoais, seus métodos de coleta e análise de dados e de campo. Este é o tipo de língua utilizado na pesquisa de Le Page.

4. **A língua no sentido comum:** Essa é a concepção que um leigo nos campos linguísticos tem ao dizer que fala “português”, “inglês”, ou “francês”, por exemplo. São os sistemas considerados inerentes ao comportamento linguístico de uma determinada comunidade e de sua literatura. A língua no sentido comum se divide nas concepções de língua padrão e não-padrão. A língua padrão diz respeito à normas e prescrições.

Por fim, a projeção, difusão e focalização ocorrerão a partir da necessidade (ou motivação) de comunicação com comunidades distintas. Os atos de identidade são marcas importantes que, como vimos na pesquisa, podem se tornar confusas para indivíduos advindos de comunidades multilíngues. O mapeamento da realidade oral e escrita das comunidades não foi totalmente documentado pelos pesquisadores devido à falta de recursos, e estes acreditam que a diferenciação entre essas duas realizações linguísticas seria importante para compreender melhor como as regras e os padrões são estipulados nessas comunidades. Assim, à medida que os membros da comunidade se integram e estão focalizados, os conceitos de língua, regras, comunidade se tornam mais claros, e só então os indivíduos adquirem uma posição de percepção e de identificação cultural.

110

ⁱ Angelica Almeida de Araújo - Graduada em Letras - Inglês (2015) pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8734835339643606> Acesso: novembro 2016.

ⁱⁱ “*a convenient abstraction for a number of relationships between predicates and their subjects which are undefined as to tense and aspect except that they imply that what has been done continues and is likely to be continue*” (LE PAGE & TABOURET-KELLER, 1985, p. 163).

ⁱⁱⁱ “*Their cultural gravitational forces operate in many directions*” (LE PAGE & TABOURET-KELLER, 1985, p. 175)

RECEBIDO EM: 8 de outubro de 2016

ACEITO EM: 29 de outubro de 2016